

'Oposição mesmo foi ACM que fez'

• *A que o senhor atribui a vitória da oposição?*

FH: Fadiga de material, cansaço depois de certo tempo, o que é natural. Ainda há os fatores conjunturais: nós estávamos no meio de muita confusão, depois da crise de 2001. A falta de dinamismo da economia. Os jornais brasileiros passaram a ser todos economistas, só se falava de economia, de mais nada.

• *Outro dia o senhor disse que a sua maior obra era a consolidação da democracia. Nesse sentido, a eleição do Lula é uma etapa positiva para o senhor.*

FH: Mais do que do ponto de vista político, falo do ponto de vista social. É uma coisa importante. Não só o Lula, como também teria sido o Serra, porque nenhum dos dois pertence às camadas tradicionalmente dirigentes do Brasil.

• *O senhor acha que a estrutura política do país hoje já rejeita o populismo ou isso é devido a sua personalidade ser naturalmente oposta a esse estilo?*

FH: Acho o contrário, o populismo é um risco. Espero que o Lula saiba escapar dele. Penso que o populismo, em uma sociedade como a nossa, sempre é latente. Isso depende muito do presidente, ou seja, de ele não se deixar encampar pelo fascínio de imantar a população com palavras fáceis, com gestos de generosidade que depois custam caro. O Lula, pela sua história, não é disso.

• *Mas ele tem esse lado de falar com facilidade diretamente às massas.*

FH: Se ele for por aí, complica. A sociedade brasileira, embora tenha isso de forma latente, está mais estruturada. As instituições são fortes, como a imprensa é forte. Ou seja: há muita coisa forte que não vai se deixar encantar por esses caminhos.

• *O senhor nunca foi um presidente odiado, mas também nunca foi amado, nesse sentido populista...*

FH: Nunca aceitei isso, mesmo na época do Plano Real. E fiz isso conscientemente. Naquele tempo — isso para se ver como as coisas são engraçadas — quando fui eleito, fui a uma festa em São Paulo no Clube Hebraica e encontrei um monte de gente que dizia que agora eu teria de fazer como Fujimori. E vejam no que deu o Fujimori. Não falta quem tenha esses paradigmas. Isso não dá certo.

• *Às vezes parece que o Brasil pede um pouco de paternalismo, caudilhismo. Outra crítica recorrente ao senhor é essa: "Faltou o presidente dar um murro na mesa"...*

FH: Porque nós não temos uma cultura cívica democrática. É tradicionalista, clientelista, caudilhesca e, portanto, populista e autoritário. Populismo é sempre autoritário. Sou contra isso, conscientemente. E vocês sabem que eu sei falar à população, eu sei falar na televisão. Porém não uso isso como um instrumento de reforçar esse lado, que acho negativo. Acho que o Lula deverá ter a consciência de que ele, podendo, não deve fazer.

• *Em algum momento do governo, o senhor ficou com vontade de dizer ao PMDB, por exemplo, que não dava mais, de dar um murro na mesa?*

FH: Quantas vezes! Em certos momentos, se o presidente fosse à televisão para atacar o Congresso, ele se fortaleceria, mas e a democracia? Sempre apostei no lado progressista do Brasil. E continuo apostando, a despeito de que exista esse risco no caso momentâneo do Lula, porque ganhou as eleições, é compreensível. Não penso que seja o que de fato vai prevalecer, nem nele, nem na sociedade. A sociedade brasileira já é mais diferenciada, mais consciente, mais organizada.

• *Qual o principal desafio de Lula no seu modo de ver?*

FH: É na área de segurança. Quem fizer isso vai ter o futuro político. Assim como eu tive por causa da inflação, quem conseguir fazer isso vai ter o futuro

• *Como o senhor avalia o papel da oposição no seu governo?*

FH: Acho que quem fez oposição mesmo ao meu governo foi Antonio Carlos (Magalhães). O PT fez oposição ao Brasil, fez oposição a tudo que fosse reforma, mas não criou embaraços diretos a ações de governo. Não é que a oposição tenha sido desleal; ela foi destrutiva. Não comigo só, mas com o país, não deixando avançar questões com as quais, em tese, ela estava de acordo. Por que não apoiar o Fundef? Não há o que explique. Por que não fazer a flexibilização da legislação trabalhista, a mesma que ela agora está propondo? Mas o que a oposição estava

querendo era ir para o poder, usando um descrédito valorativo, chamando-me de neoliberal, dizendo que o governo estava sucateando a indústria.

• *Mas em alguns momentos o governo só avançou por conta da pressão da oposição.*

FH: Diga onde e quando.

• *No começo, a reforma agrária não estava na agenda do governo.*

FH: Não, não! A campanha já trazia propostas sobre reforma agrária.

• *Mas o senhor começou o governo com a reforma agrária entregue ao (ex-banqueiro) José Eduardo Andrade Vieira. Aí o MST começou a crescer e pressionar...*

FH: Não chamo o MST de oposição. Foi um movimento social importante, mas que perdeu o rumo depois. Mas havia a discussão sobre a reforma agrária já no programa de governo do pleito de 1994. O problema é que, de fato, o movimento social ajudou e depois atrapalhou, tentando desacreditar uma reforma agrária que não tem parâmetros se considerada a proporção daquela que nós fizemos, mesmo custando caro em termos de recursos.

• *Por que o senhor diz que quem fez a pior oposição foi ACM?*

FH: Oposição política foi o Antonio Carlos. Não sei se foi destrutiva... Foi. Foi sim. A guerra não foi comigo. É que o Antonio Carlos sempre quis, e não era o único, que eu afastasse o PMDB. Essa era a questão de fundo, que estourou, na verdade, quando houve a disputa pela presidência do Senado. Eu acho que, para governar, você precisa de todos, porque, se você cria uma área de indisposição, você não gover-

na mais, passa o tempo todo administrando conflitos. Essa sempre foi a questão. Esse era, digamos, o miolo da questão política com o Antonio Carlos. De resto, eram questões de estilo pessoal.

• *Mas ele ajudou também.*

FH: Sim, em outros momentos ajudou bastante. O Antonio Carlos, no Senado, teve um papel positivo para o governo. Aproveitou muita coisa. Ele tem sensibilidade política, ele sabe definir um inimigo.

• *E dessas brigas entre aliados é que surgiram as principais crises de seu governo. Esses escândalos que jogaram contra o senhor, todos surgiram de brigas políticas entre grupos rivais. Na verdade, nenhum deles talvez tenha sido trazido à tona pela oposição, embora aproveitados por ela.*

FH: É sempre assim. Normalmente, as crises intestinas é que complicam a vida do governo, e a oposição se aproveita disso. É verdade. Mas nem todos. Posso citar o chamado Dossiê Cayman, que deu dor de cabeça. Este não foi por brigas intestinas.

• *Mas a divulgação dele na mídia foi patrocinada pelo senador Gilberto Miranda (PFL-AM)...*

FH: Sim, é porque eu não acreditava em levar anos a fio uma chantagem óbvia. O grampo do BNDES foi outro escândalo baseado em nada, evidentemente com tentativas de um setor do governo... Podia até ter uma visão equivocada, mas não havia nenhuma bandalheira em jogo. A compra de votos na reeleição, que foi mais repugnante ainda... Na verdade, todos queriam a reeleição naquela ocasião: todos os jornais, todas as pesquisas de opinião, os go-

vernadores. E mais: a diferença de votos foi de 40% a mais na Câmara dos Deputados, isso se considerado o mínimo necessário, e 80% no Senado. Então, para que comprar votos? Não vou dizer se houve ou não compra de votos, mas não foi de parte do governo. Esses são processos sujos que podem ocorrer, e não estou dizendo que tenham ocorrido, no Congresso.

• *Que ocorrem, sempre se ouviu dizer.*

FH: Sim, em várias circunstâncias, mas, se não fosse por razão moral, não teria sido também porque não havia necessidade. Essa foi uma invenção posterior, baseada em uma fita gravada de uma conversa de um deputado que diz: "Mas o Sérgio resolve isso" — referindo-se ao Serjão. Mas ninguém sabe quem falou, quem gravou. Uma montagem em uma circunstância em que o Sérgio Motta não conhecia sequer o governador do Amazonas ou o do Acre, os deputados, ninguém. E foi lá ele, o Sérgio, para a Comissão de Justiça, querendo que houvesse a CPI. Fui eu que disse a ele: "Sérgio, você está maluco? CPI não é para apurar a verdade, é para infernizar o governo". Isso, na época, morreu. Todavia, meses depois, a oposição... A oposição conseguiu criar, em certos momentos, um clima de fascismo.

• *O senhor se refere a quê?*

FH: Penso é que isso é antidemocrático. Isso atrapalhou uma convivência mais civilizada no Brasil. Saiu uma fotografia na "Veja", datada talvez de março ou abril de 1995 — eu recém-eleito por maioria absoluta — com o dizer: "Fora FHC!". Esses são germens do autoritarismo na oposição. É golpismo. Isso foi permanente. Tomara que a oposição, agora que está no governo, aprenda a democracia. No primeiro mandato isso foi pior que no segundo.

• *O senhor acha que o primeiro foi pior do que o segundo, mesmo desse ponto de vista?*

FH: Não se esqueça de que, no primeiro mandato, em junho, houve a greve da Petrobras. Essa greve vinha nesse contexto. O impeachment do Collor, que foi algo necessário, também criou um ânimo putista, golpista, a idéia de que se pode derrubar. Por que me opus agora a que o Congresso mudasse a data da eleição? Porque isso é uma loucura! O Congresso que prorroga por uma semana prorroga por um ano, ou quatro. Ou seja: não pode! São certas questões institucionais em que não se pode mexer. O respeito a quem ganhou tem que existir. Estou fazendo isso, estou fazendo com o Lula o que ele não fez comigo, quando nem sequer reconheceu a minha vitória. Não deu um telefonema.

• *Em relação à reeleição, qual a sua posição hoje? Valeu a pena?*

FH: Sou favorável. Acho que quatro anos é pouco, sobretudo se você quiser mudar o país, como era o caso. Nós tínhamos que mudar as instituições, mudar muita coisa, mudar a estrutura do Estado, tentar mudar a visão do mundo. Isso você não faz em quatro anos. Lembro-me de que a Margaret Thatcher, em nossa embaixada em Londres, num almoço, eu já havia sido eleito, e ela me perguntou quanto durava o meu mandato. Quando respondi, ela disse: "Isso é ridículo!". Bom, não vamos exagerar...

• *No seu caso, qual a diferença entre o primeiro e o segundo mandato?*

FH: O segundo mandato terá, talvez, permitido aprofundar as reformas mais que no primeiro. Toda parte social foi feita no segundo mandato. Toda essa modernização da indústria começou no primeiro, mas se concretizou no segundo. Embora o primeiro tenha sido mais fácil.

• *O que se diz é que, se o senhor tivesse saído no primeiro mandato, teria saído sem nenhum desgaste, com uma popularidade altíssima.*

FH: É possível, mas será que eu teria conseguido estabilizar, ou melhor, enraizar as coisas que eu queria? Do ponto de vista pessoal, isso foi discutido. Eu e todos que estavam comigo sabíamos disso. Era melhor ir embora. Agora, do ponto de vista do propósito de se enraizar alguma coisa, você sabe que não enraiza em quatro anos. Inclusive a reforma fiscal. Quando foi feita a Lei de Responsabilidade Fiscal? Foi no segundo mandato. A virada na questão da exportação? Foi no segundo mandato. Os programas, ou ainda, a frutificação de programas educacionais? Todos no segundo mandato, não no primeiro. Então, se você olhar, espero eu, por uma perspectiva histórica, verá que foi o segundo mandato que teve mais efeitos. Por outro lado, tivemos mais dificuldades políticas e também conjunturais. (Rodolfo Fernandes e Helena Chagas)



FH E MACIEL, na segunda posse, em 99: "Toda a parte social do governo foi feita no segundo mandato"

Gustavo Miranda/1-01-99